

## CREME DENTAL

Leandro A. Rodrigues<sup>1</sup>

Um dia desses, que agora não me lembro qual, acordei assustado com o toque do despertador. Travei-o, para que aquele barulho irritante pudesse descansar um pouco, sem ter o importante compromisso de manter a pontualidade na face da terra. Ainda deitado, senti uma vontade louca de espreguiçar-me e, sem fazer cerimônia, espreguicei-me. Depois, esfreguei as pálpebras e, como diria Graciliano Ramos, “afastando pedaços de sonhos” que ainda habitavam nelas. Após ter concluído esta quase costumeira liturgia matinal, levantei-me.

Como costume dizer, o meu dia só começa durante um bom banho e, depois de ter consultado o relógio, resolvi começá-lo. Despi-me e comecei a tomar a minha deliciosa chuveirada. Aquela água batendo e me despertando para mais um dia fez-me lembrar de uma frase de Vinícius de Moraes que é mais ou menos assim: “Quando estou n’água, sinto-me retornando ao útero materno”. Pois bem, assim me senti naquele momento. Sob o chuveiro mesmo, fiz o que considero o grande flagelo masculino: *barbeei-me*. Quase ia ficando sem barbear-me, todavia lembrei-me de que iria encontrar-me com a minha Claudía, e ela adora me ver “com o rosto liso”.

Em seguida, automaticamente, peguei a escova de dente, o creme dental para escovar os dentes, conforme fui domesticado desde os tempos de infância. Porém, quando comecei a escová-los, fui arremessado por minhas lembranças ao passado. Senti uma nostalgia serena, mas não sabia o motivo e, provavelmente, num átimo de segundo, pois sequer percebi, o meu paladar esclareceu ao cérebro o que estava se passando. O meu paladar disse ao meu cérebro que aquele aroma, aquele alívio bucal, aquela *resfrescância*, aquele sabor do creme dental eram conhecidos por mim. E, o meu cérebro buscou e constatou. Claro! Aquela creme dental era o mesmo que minha falecida avó sempre utilizava em sua casa. Com isso, senti meu coração ser apertado por uma saudade incontrolável, que acabou se evadindo ao retorno às lembranças. Dessa forma, lembrei-me do rosto calmo e sereno de minha vó, tão frágil e pequenina fisicamente, mas tão intensa, ampla e forte em seus sentimentos e bondades; lembrei-me dos feriados escolares e férias, quando, praticamente, mudava-me para sua casa e esquecia-me do tempo e preocupava-me apenas em brincar; lembrei-me do seu bolo tradicional, delicioso, que ela batizava de “bolo de bolo”, que alimentava os meus primos e a mim, todos suados, com os rostos vermelhos e os cabelos lisos a cair pela face; lembrei-me da sua canjica da Semana Santa, quando ela ralava o coco e nós (meus primos e eu) ficávamos

---

<sup>1</sup> Leandro A. Rodrigues é licenciado em Letras pela UCP (2001). É especializado em Literatura Infante-Juvenil pela UFRJ (2005) e Mestre em Educação pela UCP (2008). Trabalha como professor de Ensino Médio na Rede do Estado do Rio de Janeiro, desde 2006. É professor e coordenador do Seminário e Educandário Diocesano Nossa Senhora do Amor Divino em Petrópolis, desde 2002. E, é professor e coordenador do Curso de Letras da UCP, onde também é coordenador da Escola de Idiomas, desde agosto de 2008.

revezando a honra de comer, como ela mesma dizia, a “sobrinha” do coco que não se conseguia mais ralar. Tive lembranças assim, tão puras e doces, tão íntimas e simples, dos tempos em que ela possuía saúde e ainda não havia sido definhada pela doença, fazendo jus ao exercer à risca o título de matriarca...

De repente, o cachorro latiu lá fora, e fui trazido de volta ao presente e me vi frente ao espelho, com a boca cheia de espuma e com a escova de dente nas mãos. Depois, olhei para o tubo do creme dental, de que sequer me lembro a marca, e constatei que já estava pela metade. Achei engraçado, porque só naquele momento o meu paladar despertara tais lembranças.

Continuei o meu dia de forma diferente. Passei-o refletindo sobre os detalhes camuflados em odores, sons, sabores, que, às vezes, gravamos; às vezes, prendemo-nos; às vezes, trazem-nos de volta pessoas, fatos importantes, rostos que o tempo e a ausência não têm forças para apagar...

À noitinha, antes de dormir, deitado em meu travesseiro, lembrei-me do fato ocorrido e acabei reencontrando uma frase que habita perdida em um dos meus poemas do passado. Uma frase que nunca soube se criei ou se li em algum lugar e por isso sempre a utilizei entre aspas: “os pequenos detalhes fazem as grandes diferenças”. Jamais tive tanta certeza da veracidade desta frase, pois o detalhe do sabor de um creme dental acabou fazendo a grande diferença daquele meu dia.

Petrópolis, 08 de março de 2001. - nº 1138